



Foto Alfredo Rizzutti

Crianças revelaram frustração pela morte de Tancredo, embora demonstrando desinformação política

Nas escolas, a reação das crianças

"Foi uma perda muito grande e sua falta é a pior coisa do mundo." A frase é de Arabela Angélica Morato, 10 anos, aluna da 5ª série da EEPSPG Senador Paulo Egydio de Oliveira Carvalho, e ela estava se referindo a Tancredo Neves, explicando ainda que esperava que "ele ajudasse o Brasil". Todas as crianças da 5ª série para cima sabiam o motivo do falecido inesperado de segunda-feira, e sem exceção declaravam-se tristes com a morte do presidente eleito. Já entre os alunos de primeira a quarta séries, havia desconhecimento, principalmente entre menores, alguns dizendo que só sabiam que "Tranquedo estava doente".

Nas escolas praticamente nada foi organizado em relação à morte de Tancredo, pois também não receberam orientação nesse sentido, mas eventualmente alguns professores conversaram com os alunos, principalmente em nível de segundo grau. Para Cláudio Lima, 16 anos, segundo colegial, essa conversa dos professores decorreu do fato de serem alunos de certa idade, em vésperas de se tornarem eleitores, e como tal interessados em questões políticas. Entre as diretoras nada foi feito, porque o tempo foi muito curto para organizar qualquer coisa, mesmo em termos escolares.

Mesmo entre as crianças algumas dúvidas surgiam, pois, enquanto Marcelo Lopes Vieira dizia que "ele tinha de morrer porque estava sofrendo muito", Douglas Augusto dos Passos afirmava que "não devia morrer, porque se ele vivesse seria melhor para o Brasil". A exemplo de outras crianças, Renata dos Anjos, que mora na Vila Maria, sentiu vontade de ver o cortejo de perto, na rua, "mas era muito longe e vi na televisão mesmo".

"ELE RESOLVERIA"

Marcos Vítorio Cerqueira e Cláudia Cristina Barbosa Martins têm opiniões coincidentes, pois ambos ficaram muito tristes, por acharem que "Tancredo resolveria os problemas do Brasil". Na opinião dessas crianças de dez anos, "ele ajudaria os pobres, dando mais emprego, mais alimentos e acabando com as mordomias". Simone Cristina Pereira estava vendo televisão quando a notícia foi divulgada, e ficou muito triste, "pois ele pretendia melhorar o Brasil e fazer várias coisas pelos brasileiros". Carla Sofia de Assunção Vasconcelos também soube à noite e diz que quase chorou. Disse que segunda-feira ficou "grudada na televisão desde as 7 horas, acompanhando tudo". Ela também acha que "ele ia melhorar o Brasil, dando emprego a quem precisa".

Débora de Araújo Vera também tem 10 anos e ficou "muito chateada com a morte dele". Débora acha que "ele era a única esperança para mudar o Brasil", mas disse esperar que "o Sarney resolva os problemas". Clarissa Tabares Hubinger ficou "muito triste, porque ele ia melhorar o Brasil". Ela também espera que "o presidente Sarney melhore o Brasil como Tancredo queria".

De modo geral, as crianças não lembravam quem foi o presidente anterior, e algumas poucas arriscavam o Figueiredo, enquanto era ainda menor o número das que sabiam ser João o primeiro nome. Era bem maior o número das crianças que sabiam o nome de Sarney, embora ignorassem o José. Ninguém, entre as crianças até a 8ª série, sabia algo da vida de Tancredo Neves, e só tinham tomado conhecimento de sua existência a partir dos comícios pelas di- retas, mas somente tiveram interesse por ele após a hospitalização, quan-

do os boletins médicos passaram a interromper a programação normal das emissoras de rádio e televisão.

No segundo grau

Entre os alunos do segundo grau, entretanto, a situação mostrou-se melhor em termos de conhecimento, e um exemplo foi Kleber Castilho, de 14 anos e aluno da 1ª série. Para ele, "foi uma perda que jamais será coberta, e se alguém não sentiu é porque não acompanhou a sua carreira política". Acha que "essa morte foi lamentável, porque ele poderia ajudar a classe trabalhadora". Por fim, disse que "ele representava a esperança do Brasil, e ninguém tem a sua capacidade". Kleber contou que conversa com os pais, colegas e professores, sobre assuntos desse tipo.

"A esperança acabou. Não sei se o Sarney vai fazer o que o Tancredo disse." O autor da frase, Fábio Cabral da Silva, é um garoto de dez anos, que ontem, depois de assistir às aulas da 3ª série na EEPSPG Fernando Dias Paes, em Pinheiros, interrompeu o jogo de bola com os amigos e disse: "Conheço, sim, o Tancredo. É o presidente morto; aquele que todo mundo confiava".

Ao lado dele, Luiz Marcelo de Barros, de 13 anos, lembra os primeiros dias do mês passado, quando começou a ouvir falar sobre o presidente. "Ele ia fazer muita coisa para a gente", dizia, anunciando suas expectativas: "Uma Nova República, mais escolas, emprego, mais assistência médica" e "mais policiamento", acrescentava Paulo José Gonçalves, de dez anos, também da 3ª série — a classe que "rezou quando Tancredo estava doente". Outro amigo, Edmilson Nunes Ribeiro, de 11 anos, só quis registrar: "O presidente Tancredo foi um homem muito bom".